

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

**DESCOLONIZAÇÃO EPISTEMOLÓGICA:
A VISÃO DE MUNDO INDÍGENA NO ROMANCE
FOOLS CROW DE JAMES WELCH**

Eider Tiago da Cruz

Porto Alegre

2013

Eider Tiago da Cruz

**DESCOLONIZAÇÃO EPISTEMOLÓGICA:
A VISÃO DE MUNDO INDÍGENA NO ROMANCE
FOOLS CROW DE JAMES WELCH**

Monografia apresentada à banca examinadora
como requisito parcial para a obtenção do grau de
Licenciado em Letras, ênfase em Português –
Inglês, pela Universidade Federal do Rio Grande
do Sul.

Orientadora: Prof^ª Marta Oliveira

Porto Alegre, Julho de 2013.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Jailton e Inês pelo amor, pelos ensinamentos, pela paciência, pela fé na vida, pelo chão que os meus pés pisam.

À minha namorada Kétina Timboni por acreditar no meu potencial, por compartilhar comigo todos os momentos bons e ruins durante o curso e por ser uma fonte de força e esperança que não me deixou desistir.

À Professora Marta Oliveira pela dedicada orientação desse trabalho, pela parceria nos últimos dois anos de curso e por ter me apresentado à literatura indígena norte americana.

Ao meu irmão Jáder pelas inúmeras questões levantadas sobre o estar nesse mundo que me fizeram doer, mas que ao mesmo tempo me fizeram feliz, pois ao não conseguir encontrar respostas, encontrei uma luta que vale a pena lutar e que me ajudou a escrever este trabalho e a gostar ainda mais da ideia de ser professor.

Ao meu irmão Evander e minhas irmãs Natália e Jaíne por me passar alegria e serenidade. Ao meu irmão Juninho por me ensinar a ter mais confiança em mim mesmo.

À minha vó Juraci por ter me contado histórias quando criança, por ter despertado minha curiosidade e minha vontade de ler.

Ao meu amigo Fábio por ter me ajudado a escolher o curso de letras, pois, desde piá, cultivou comigo dúvidas que nos fizeram ir atrás de conhecimento, de leituras e que nos fizeram escrever nossos textos e pensar por nós mesmos.

Ao meu amigo Fernando, que, de onde ele está, tenho certeza que continua torcendo muito por mim.

A todos os demais amigos e parentes que estiveram do meu lado e que tornaram possível essa conquista.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar o romance *Fools Crow* de James Welch como um projeto de descolonização epistemológica que visa empoderar os indígenas em relação à sua própria história e suas maneiras próprias de pensar o mundo. Analiso como os discursos ocidentais a respeito das culturas indígenas são construídos e como James Welch, através da linguagem do seu romance, os desconstrói numa narrativa que, apesar de ser escrita em língua inglesa, mostra o mundo indígena através de sua própria lógica, colocando o leitor de língua inglesa ocidental como um estranho deslocado à margem desse mundo. Para melhor entender a lógica do mundo indígena no romance analisado, discuto o conceito indígena de terra, a fim de mostrar aspectos culturais fundamentais expressos no romance, e o jeito pikuni de ser, que orienta a maneira dos personagens pikuni, da nação Blackfoot, agirem nas mais variadas situações.

ABSTRACT

This paper aims at analyzing James Welch's novel *Fools Crow* as a project of epistemological decolonization which empowers indigenous people in relation to their own history and their own way of thinking the world. It discusses how Western discourses about indigenous cultures are constructed and how James -- Welch through the novel's language -- deconstructs them in a narrative which, despite being written in English, comes from the indigenous world and places the western English reader as an outsider. In order to better understand the logic of the indigenous world in the novel, I analyze the indigenous concept of land, in order to show fundamental cultural aspects expressed in the novel, and the Pikuni way, which guides the way the Pikuni characters, who belong to the Blackfoot nation, act in several situations in the novel.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
1. O ROMANCE	12
2. O DISCURSO	14
3. TERRA VERMELHA	22
4. O JEITO PIKUNI DE SER	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	42

INTRODUÇÃO

O que vem à mente quando pensamos na palavra índio? Difícil escapar dos estereótipos de séculos de um discurso ocidental distorcido acerca da cultura e da vida indígenas. No Brasil o que parece ainda predominar é a visão de um índio inventado pelo romantismo de José de Alencar e Gonçalves Dias de meados do século XIX, período em que intelectuais e escritores americanos buscaram na figura de um ser imaginário pré-colombiano uma forma de afirmar e sustentar um sentimento de nacionalidade e, paradoxalmente, legitimidade sobre a terra. Talvez também seja aceita a visão dos primeiros exploradores europeus de que esse ser tenha sido um bom selvagem e que de tão puro não tivesse vergonha de mostrar suas vergonhas como relatou Pero Vaz de Caminha, que vivesse na selva sem fé, sem lei e sem rei como analisou o cronista Pero de Magalhães Gândavo e que precisasse ser resgatado das trevas para ser-lhe concedida a oportunidade de conhecer o “verdadeiro” Deus e a civilização como impuseram os jesuítas. Por mais incrível que pareça, são ainda nesses termos que o discurso sobre os índios vem sendo reiterado em nossos livros didáticos, filmes, programas de televisão, etc.

De fato, a história indígena foi e ainda é, intencionalmente ou não, muito mal contada. Suas vozes silenciadas não tiveram muita representatividade na construção dos discursos acerca de suas culturas, seus modos de vida. A história um pouco mais aprofundada que conhecemos é a de invasão, ganância sobre os recursos da terra, doenças, genocídio. No entanto, a história que não conhecemos é a da resistência, pois, afinal de contas, eles ainda estão aqui, apesar de quinhentos anos de inúmeras tentativas de privar o continente americano de sua existência, pelo genocídio ou assimilação, para que pudesse ser explorado livremente o potencial de lucro dos recursos naturais de suas terras e mais atualmente também por razão do agronegócio, das hidrelétricas, da mineração e da especulação imobiliária, entre outros. Apesar dos esforços, o que permanece ainda em nosso imaginário é aquele índio romantizado que no Brasil ganha força todo dia 21 de abril, quando é mostrado um sujeito estereotipado que invisibiliza, com sua repercussão, os sujeitos reais que conosco convivem e ainda lutam pelo seu direito à existência, à terra e à manutenção de sua cultura.

Essa criação de estereótipo retrata os indígenas como um povo homogêneo, sem identidades. Não há nessa representação sujeitos com histórias e experiências próprias, mas sim apenas um índio com rosto e cor predeterminados que vale pela diversidade de culturas existentes. Thomas King, importante escritor indígena norte americano¹ em seu livro *The Truth About Stories*² que trata de forma profunda e bem humorada uma série de questões relevantes sobre a experiência indígena, levanta a questão: “Yet how can something that never existed – the Indian – have form and power while something that is alive and kicking – Indians – are invisible?”³ (p. 53). Isto é, o índio estereotipado do dia 21 de abril é amplamente conhecido, inclusive as crianças o desenham e o pintam nas escolas, tornando-o vivo e presente a cada ano. Em contrapartida, os índios “alive and kicking” são completamente negligenciados e escondidos no esforço de silenciá-los, pois suas visões de mundo fogem da lógica que rege a vida social e econômica do Ocidente.

A situação dos indígenas nos Estados Unidos apresenta diferenças, mas também semelhanças marcantes. Em ambas as experiências houve criação de discursos na tentativa de esconder suas demandas reais e presentes. Além disso, em ambos os casos houve também, no decorrer da história, tentativas de genocídio e assimilação, assim como houve resistências organizadas e conscientes. No entanto, nos Estados Unidos de meados do século XX houve, junto com outras manifestações pelos direitos civis da época, uma efervescência cultural indígena como reação natural a uma série de medidas adotadas pelo governo americano com o objetivo de assimilar os sujeitos indígenas à sua cultura, remanejando-os para os centros urbanos. Uma dessas medidas, que ficou conhecida como “Termination Act”, foi uma política implantada de 1940 até os anos 60. Com ela, muitos indígenas de diversas regiões do território americano, fugindo da miséria que assolava as reservas, migraram para as cidades com a promessa de empregos e auxílios financeiros. No entanto, as promessas nem sempre foram cumpridas, fazendo a permanência na cidade ainda mais difícil, já que, na sua maioria,

¹ Thomas King nasceu no Estado da Califórnia, nos Estados Unidos, em 24 de abril de 1943. Na década de 80 passou a lecionar na Universidade de Lethbridge no Canadá, criando um forte laço com os estudos dos povos nativos da região e com a literatura canadense.

² *A verdade sobre as histórias*. (Todas as traduções são minhas), (2003).

³ No entanto, como pode o que nunca existiu – o índio – ter forma e poder enquanto o que está vivo e pulsante – os índios – serem invisíveis.

sentiam-se amedrontados e evitavam sair às ruas. Com o tempo, os sujeitos indígenas que se encontravam na cidade passaram a se reconhecer como sujeitos com os mesmos problemas a serem enfrentados e se juntaram para resistir aos processos de assimilação, sustentando suas identidades.

Na década de 60, essa efervescência cultural, que Sean K. Teuton chama de *Red Power Movement*⁴, posiciona-se em contraponto aos discursos predominantes acerca das culturas nativas americanas, reafirmando o orgulho de ser indígena e fomentando, mais tarde, inclusive diversas discussões acadêmicas. Nesse contexto, a literatura indígena começou a ter notoriedade nos Estados Unidos com o surgimento de intelectuais e grandes escritores e escritoras como Leslie Marmon Silko (Laguna Pueblo), Thomas King (Cherokee/Greek/German), N. Scott Momaday (Kiowa), James Welch (Blackfoot), entre outros. O texto de Teuton nos remete a esse momento histórico e à imediata influência das questões nele debatidas na vida e na história dos indígenas estadunidenses.

During the era of Red Power, Native writers imagined a new narrative for Indian Country, and they did so neither by longing for an impossibly timeless past nor by disconnecting Indians' stories from the political realities of their lives. Instead, writers of the era struggled to better interpret a colonized world and then offered this new knowledge to empower the people.⁵ (p. 2)

Essa nova interpretação da história colocada em literatura pelos escritores nativos ajudou os sujeitos indígenas a se empoderarem de sua própria história, a falar de si mesmos e fazer valer o seu discurso. Essa “new narrative for Indian Country” se valeu da estrutura do romance, do conto e da poesia, continuando, ao mesmo tempo, a tradição literária indígena fundamentada na oralidade como forma de reforçar a cultura e ensinar as novas gerações. Além disso, criaram um espaço para sofisticados debates sobre linguagem e novas estratégias de narração, trazendo ao mesmo tempo à tona importantes temas da vida, da história e da cultura de pessoas que de dentro e de fora das reservas enfrentavam diariamente os desafios de uma vida moderna que lhes foi

⁴ Movimento poder vermelho.

⁵ Durante a época do *Red Power*, os escritores nativos imaginaram uma nova narrativa para a terra indígena e eles o fizeram não desejando um passado impossivelmente atemporal, nem desconectando as histórias indígenas das realidades políticas de suas vidas. Mas ao invés disso, os escritores dessa época almejavam interpretar melhor um mundo colonizado e então oferecer esse novo conhecimento para apoderar as pessoas.

imposta; um espaço para quebrar os paradigmas e preconceitos e sustentar uma visão de mundo independente e distinta do destino manifesto, do sonho americano e dos filmes de *cowboy*; um espaço de sustentação e ressignificação de conceitos de culturas que foram compelidas a se reinventar para lidar com os desafios contemporâneos.

King, ao discorrer sobre a temática dessas obras literárias, nos informa que elas, em sua grande maioria, não fazem uma tentativa de voltar ao passado para revisar a maneira que a história colonial é contada e apresentá-la através de uma perspectiva indígena. Segundo ele, “contemporary Native writers have shown little interest in using the past as setting, preferring instead to place their fictions in the present.”⁶(p.105). O que há predominantemente nessas obras são personagens movimentando-se no mundo contemporâneo e enfrentando o desafio de continuar resistindo e preservando sua identidade indígena em uma sociedade que lhe nega o direito à diferença. Portanto, de certo modo, escrever o presente e transformá-lo criando novas significações é mais urgente do que visitar questões do passado, o que daria a impressão de uma nostálgica esperança de voltar ao que já não pode ser vivido.

No entanto, o projeto de James Welch com o romance *Fools Crow* é um dos casos em que o autor revisita o passado, porém não para chorar a perda de um modo de vida que não existe mais, mas sim, entre outras coisas, para discutir um mundo que o Ocidente, no decorrer da história, insistiu e insiste em não querer compreender; um mundo indígena que é epistemologicamente independente e por isso resistente à assimilação. Nesse sentido, o objetivo desse trabalho é mostrar como *Fools Crow* se apresenta não só como a história do drama de sujeitos que enfrentaram um dos períodos mais intensos de devastação cultural: a expansão americana para o oeste, mas também como um projeto de descolonização epistemológica que devolve ao povo indígena o poder sobre sua história e à lógica do seu mundo.

Para tanto, inicio o trabalho apresentando no primeiro capítulo o romance *Fools Crow*, salientando pontos importantes da narrativa para o presente trabalho; no segundo capítulo realizo uma discussão sobre a forma como o discurso acerca das culturas indígenas se apresenta no Ocidente, salientando a importância do romance de James Welch em mostrar suas limitações. Logo depois, nesse mesmo capítulo, mostro a forma como o discurso indígena é construído no romance.

⁶ os escritores nativos contemporâneos mostram pouco interesse em construir suas histórias no passado, preferindo no lugar disso situar suas ficções no presente.

No terceiro capítulo, discuto uma questão que ainda é muito atual: a terra indígena. Nesse capítulo, mostro como o conceito de terra é visto pelos sujeitos indígenas e como entender esse conceito nos dá suporte para compreender a produção de conhecimentos desses sujeitos sobre a vida e a sua relação espiritual e prática com o mundo.

No quarto e último capítulo, detidamente no romance, apresento uma leitura do que os próprios personagens nomeiam “o jeito pikuni de ser”. Para isso, acompanho parte da trajetória do personagem principal Fools Crow e de seu amigo de infância Fast Horse. Através das posturas, escolhas e visão de mundo desses dois jovens é possível analisar a lógica do mundo indígena dentro do romance.

Por fim, na conclusão deste trabalho, teço algumas considerações sobre como o romance de James Welch, através de seu discurso literário, que não apenas cria no leitor uma sensação de estranhamento pelo vocabulário criado, mas também apresenta conceitos próprios do modo de vida e de ser indígena e, mais precisamente, ser pikuni, nos faz perceber que há formas diferentes de conhecer e apreender o mundo. O reconhecimento de tais diferenças são imprescindíveis para enfrentarmos os desafios do presente.

1. O ROMANCE

Fools Crow, de James Welch, publicado em 1986, traz no centro da narrativa White Man's Dog, um jovem pikuni de 18 anos da tribo dos Lone Eaters⁷ que está a caminho de se tornar um homem adulto. Nessa transição, ele enfrenta conflitos próprios de sua cultura e da interação com o homem branco nesse momento histórico de meados do século XIX: a necessidade de armas, cavalos e respeito. No princípio da narrativa, o personagem se mostra muito fraco, com pouca autoconfiança e é conhecido pela sua má sorte. Apesar de possuir *bad medicine*⁸, ele tem consciência de seu papel dentro da comunidade e em momento algum se desvia dos caminhos tradicionais pelos quais conquistará honra, coragem, riqueza e respeito. White Man's Dog aceita suas limitações momentâneas e está constantemente atento para aprender o que for necessário para sair dessa má condição e se tornar respeitado dentro da comunidade.

À medida que a narrativa avança, White Man's Dog se aproxima de Mik-api, um importante *many-faces-man*⁹, e participa de duas expedições contra a tribo inimiga dos crows. Dessa forma ele ganha muita experiência e um novo nome: Fools Crow¹⁰. Com isso ele consegue seus cavalos, sua arma, casa-se, torna-se respeitado e sua voz ganha importância nas reuniões dos mais velhos. A partir disso, problemas maiores do que suas necessidades individuais começam a preocupá-lo: é o momento em que a presença dos homens brancos e as epidemias de varíola começam a tomar contornos dramáticos. Apesar das futuras mudanças que inevitavelmente irão ocorrer, Fools Crow assume uma importante posição nas tomadas de decisões entre os líderes e, ao visualizar, no encontro com Feather Woman¹¹, as mudanças inevitáveis que estão por vir, ele

⁷Lone Eaters é uma aldeia indígena ficcionalizada por Welch no romance. Ela pertence à comunidade Pikuni pertencente à nação Blackfeet.

⁸ Forma como os indígenas se referem, no romance, à ausência de poder.

⁹ Forma como os indígenas se referem, no romance, ao sujeito com conhecimentos para realizar cerimônias de cura, tanto do corpo, quanto do espírito.

¹⁰ Este nome lhe é dado porque seus companheiros acreditam que ele fingiu estar ferido para poder derrotar o chefe dos crows. Quando seu inimigo se aproximou para finalizá-lo, ele se virou e o matou. Assim, o nome se refere ao seu artifício de ter enganado os crows; literalmente "Engana Gralha". Na verdade, White Man's Dog acreditava estar ferido, não fingia, mas por conselho do seu amigo *Raven* (o corvo), não desfaz o mal-entendido, pois, segundo o pássaro, é bom para os pikunis acreditarem que há entre eles uma pessoa muito corajosa.

¹¹ Parente mitológico dos pikunis.

testemunha todo o sofrimento pelo qual irão passar, mas também a continuidade de seu povo em seu território que lhes dará a oportunidade de sobreviver e se reinventar como pikunis.

O romance é escrito em inglês, no entanto apresenta uma linguagem com vocabulário e expressões específicas que causa nos leitores da língua inglesa um efeito desconfortável, pois faz com que tenham que sair de sua posição de cultura dominante, para dar lugar a um discurso que tem como ponto de partida não a sua cultura, mas a cultura indígena. Além disso, a narrativa reconta mitos como o de Feather Woman e demonstra a realização de ritos tradicionais como a dança do sol que têm como contexto o próprio romance.

A narrativa apresenta também acontecimentos e personagens históricos. No final do romance, por exemplo, há o massacre do Rio Marias, realizado pelo exército americano contra a aldeia blackfoot liderada pelo chefe Heavy Runner em meados do século XIX. O relato desse massacre não consta nos livros de história, embora haja documentos do próprio exército que o comprovam. No entanto, ele sempre esteve presente na lembrança dos pikunis e nas histórias contadas de geração em geração. Convém ressaltar que, apesar do massacre e da epidemia de varíola, o tom do final do romance é positivo, pois, embora tristes e abalados por terem perdidos muitos parentes e amigos, os pikunis sobreviveram e puderam dar seguimento ao seu modo de vida.

O romance, portanto, revisita o passado e reconta, do ponto de vista pikuni, o contato que eles mantinham em meados do século XIX com os homens brancos e com as tradicionais tribos amigas e rivais. Não é nostalgia que movimenta a narrativa, porém um profundo sentimento de necessidade de colocar no mundo uma alternativa de leitura desses relacionamentos: dos índios com a expansão territorial e cultural dos homens brancos, dos índios com os próprios inimigos e aliados tradicionais, também índios, e do contato que diferentes comunidades indígenas mantiveram para tomar decisões em relação aos problemas da vida e também em relação à crescente pressão da presença do homem branco em seus territórios.

2. O DISCURSO

O ponto de vista oferecido pelo romance em relação à experiência indígena não é apenas a perspectiva de outro lado, mas sim a percepção das coisas do mundo feita de outra forma, por outro ponto de partida que não o ocidental. Ela é necessária uma vez que a lógica colonial a suprimiu e a tentou apagar dos discursos hoje existentes, criando representações que apresentam uma verdade generalizada sobre quem são esses sujeitos, como eles pensam e agem. Nesse sentido, os estudos de Edward W. Said sobre orientalismo são muito importantes, embora a relação do ocidente com o oriente compreenda questões distintas das que surgem da relação dos euro americanos com o mundo indígena. No entanto, ao tentar entender a construção dos discursos ocidentais sobre o oriente por meio da análise de representações em textos literários, jornalísticos, científicos, entre outros, ao longo da história, Said acaba também nos dando suporte para entender como a criação de discursos acerca da cultura indígena americana é desenvolvida. Na introdução de sua obra *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*, Said salienta:

O valor, a eficácia, a força, a aparente veracidade de uma afirmação escrita sobre o Oriente baseiam-se muito pouco no próprio Oriente. [...] Assim, todo o Orientalismo representa e se afasta do Oriente: o fato de o Orientalismo fazer sentido depende mais do Ocidente do que do Oriente, e esse sentido tem uma dívida direta com várias técnicas ocidentais de representação que tornam o Oriente visível, claro, “presente” no discurso a seu respeito. (p. 52)

A forma do Ocidente representar uma cultura e impor a ela um discurso pretensiosamente superior com o objetivo de dominação não apenas política e econômica, mas também epistemológica e cultural é a mesma. Por isso, um bom exercício para ler essa citação de Said seria trocar todas as vezes que a palavra “Oriente” aparecer por “índio”. Poderemos depreender, então, que a representação dominante ocidental-colonialista acerca da cultura indígena é guiada com fins políticos, culturais e econômicos bastante pontuais. Isto é, para o Ocidente não é o fato dos povos indígenas serem o que são, enquanto povos detentores de um espaço geográfico, de uma visão de mundo e de uma cultura, que os define, mas o que os define é sua representação no jogo de relações e interesses sustentado pelo discurso científico, histórico, jornalístico, entre outros, que esse mundo ocidental constrói e impõe.

Ao criar o universo da perspectiva indígena de meados do século XIX, James Welch inventa palavras e formas de se comunicar que pretendem dar conta de conceitos tradicionais culturais daquele contexto, mesmo que o romance seja escrito em inglês para leitores das últimas décadas do século XX. Por isso, não bastava a Welch se referir a Mik-api como *witchdoctor* (curandeiro), pois essa palavra abarca a compreensão ocidental de curandeiro, por conseguinte a palavra *many-faces-man* (homem de muitas faces) tenta se relacionar com o mundo indígena e carregar significados e conceitos próprios da cultura indígena. Da mesma forma ocorre a nomeação dos animais, dos corpos celestiais, dos meses do ano. Por exemplo, *buffalo* (búfalo) é *blackhorn* (chifre preto), *sun* (sol) é *Sun Chief* (Chefe Sol) e *November* (novembro) é *helping-to-eat-moon* (lua que ajuda a comer).

Poderiam ser citados muitos outros exemplos que aparecem ao longo do romance, mas esses são suficientes para termos uma ideia do trabalho refinado de James Welch na construção de sua linguagem. David Treuer analisa a linguagem do romance *Fools Crow* em um capítulo de seu livro *Native American Fiction: a user's manual*¹² intitulado, não sem razão, “Plain Binoculars”¹³, pois a linguagem do romance tem a ver com a lente indígena, pela qual as coisas estão sendo vistas. Ao discutir a criação de palavras de Welch, usando como exemplo uma conversa de *Fools Crow* com seu amigo de infância Fast Horse em que ele faz referência ao mês de novembro como *helping-to-eat-moon*, Treuer diz:

In this utterance two things are going on. First, we have the literal and conceptual phrase for the month of November (*helping-to-eat-moon*). To say November does not communicate the sense of the concept that the characters might possess, it also begs a question of consciousness, and to use “November” would unwittingly place the characters in our world instead of theirs.¹⁴ (p. 82)

Podemos, então, dizer que *Elk-dog* não é *horse*, nem *Sun Chief* é *sun*. A palavra *Elk-dog* tenta se referir a toda uma compreensão e experiências práticas indígenas com o animal que nós em português chamamos de cavalo, assim como *Sun Chief* remete a

¹² Ficção nativa americana: manual do usuário

¹³ Binóculos das planícies.

¹⁴ Nessa fala duas coisas estão acontecendo. Primeiro nós temos a frase literal e conceitual para o mês de novembro (*helping-to-eat-moon*). Dizer novembro não comunica o sentido do conceito que os personagens podem possuir. Essa fala também levanta uma questão de consciência, e usar “novembro” iria involuntariamente situar os personagens no nosso mundo, ao invés de no deles.

complexos conceitos culturais que a palavra *sun* não poderia dar conta, pois se refere à compreensão ocidental de sol. Mesmo que as palavras utilizadas não sejam de origem indígena, fica claro que a intenção é deslocar o leitor de língua inglesa de seu lugar de língua dominante e, conseqüentemente, colocá-lo em uma situação de marginalidade.

Dessa forma, mesmo que o romance seja escrito em língua inglesa, Welch consegue fazer com que o mundo ocidental colonizador de língua inglesa se sinta estranho àquele mundo indígena representado no texto, ao ler o romance *Fools Crow*. Ao não utilizar as palavras corriqueiras do idioma, Welch consegue trazer de maneira consistente outro discurso histórico, outro olhar sobre as coisas do mundo. Ele não apenas inverte o polo do discurso, mas nos apresenta a perspectiva de mundo indígena de dentro desse mundo para fora.

O romance *Fools Crow*, portanto, corrobora o que diz Mignolo (2008) ao teorizar o conceito de *delinking*¹⁵, pois, ao quebrar o paradigma sustentado pela dicotomia colonizador/colonizado, muda os termos da conversa e não apenas apresenta um outro lado:

Decoloniality, then, means working toward a vision of human life that is not dependent upon or structured by the forced imposition of one ideal of society over those that differ, which is what modernity/coloniality does and, hence, where decolonization of the mind should begin. The struggle is for changing the terms in addition to the content of the conversation. (p. 459)¹⁶

Quando falamos de discurso, não falamos simplesmente de uma luta por liberdade ou emancipação como se isso fosse algum direito que o governo americano com sua democracia pudesse ceder. Estamos falando de desligamento da lógica de vida imposta aos povos indígenas, pois a luta não é pelo direito de igualdade, mas sim pelo direito à diferença. Nesse processo de descolonização podemos dizer, como Thomas King salienta em seu ensaio “Godzilla vs. Post-Colonial”, que não é a relação com o ocidente que dá razão de ser para a existência indígena ou, como no caso do romance, aos pikunis. A cultura indígena tem uma história que antecede a chegada de Colombo no continente americano, que não pode ser negada pela “imposição forçada de um ideal de sociedade”, embora haja inúmeras tentativas de fazê-lo. As relações construídas dentro do romance entre as diferentes comunidades indígenas e até mesmo com o

¹⁵ Desligamento.

¹⁶ Descolonização, então, significa trabalhar em relação a uma visão da vida humana que não é dependente ou estruturada pela imposição forçada de um ideal de sociedade sobre aqueles que diferem, é isso o que a modernidade/colonialismo faz e, portanto, onde a descolonização da mente deveria começar. A luta é para mudar os termos em adição ao conteúdo da conversa.

homem branco têm a sua própria lógica e relevância, visto que antecedem e, portanto, são independentes, na sua constituição, de toda a subsequente colonização econômica e política imposta pelo mundo ocidental aos povos nativos americanos.

No romance, é bastante clara essa independência epistemológica, pois a vida dos indígenas se dá de acordo com os conceitos culturais pikunis e seus conhecimentos sobre o mundo. Podemos citar, como exemplo, a expedição para roubar cavalos e armas dos Crow. Essa expedição teve como líder o experiente Yellow Kidney, auxiliado por Eagle Ribs, um jovem muito astuto que já tinha provado seu valor em expedições anteriores. White Man's Dog, junto a seu amigo de infância Fast Horse e outros quatro mais jovens do que ele, decidem participar dela, ansiando conquistar honra, respeito e possuir suas próprias histórias para contar. Nessa expedição, esses jovens precisam utilizar todo o conhecimento que adquiriram através das histórias dos mais velhos, pois é um momento decisivo da sua formação. Por isso, durante essa jornada, esses jovens demonstram suas inquietudes e desejos típicos de seu modo de vida e de seus conceitos culturais de felicidade.

Duas noites antes de entrarem em ação no acampamento dos Crow, os jovens estão reunidos para descansar depois de uma longa marcha.

[...] the young men sat back in a hollow surrounded by rosebushes. They checked their weapons and war paints; they prayed and thought of the night two sleeps hence when they would prove they were men of heart. The long march had sharpened their senses, the nights of seeing and feeling their way across the plains, the cold water of the fords, the almost constant hunger in spite of the meat they have killed and eaten. Each of them had watched the stars closely and had become attuned with the night and the four directions. Now they had to test their courage.¹⁷ (p. 22)

Essa é a hora que os jovens mais esperavam; o momento de conquistar respeito e provar que são “men of heart”. Por isso, eles estão atentos para que nada saia errado, para que suas armas estejam prontas, para que suas pinturas de guerra estejam da forma que têm de estar e para que estejam em sintonia com as quatro direções que simbolizam uma conexão espiritual profunda com o todo de suas vidas. Tudo isso para que eles

¹⁷ Os jovens se sentaram em uma cavidade cercada de roseiras. Eles revisaram suas armas e suas pinturas de guerra; eles oraram e pensaram duas noites à frente, quando eles provariam que eram homens de coragem. A longa marcha tinha aguçado seus sentidos, as noites foram atravessadas buscando seu caminho através das planícies, a água fria das vaus, a fome quase constante, apesar da carne que caçaram e que comeram. Cada um deles tinha observado atentamente as estrelas e se sintonizado com as quatro direções. Agora eles teriam que testar sua coragem.

possam se mostrar merecedores de coragem e astúcia quando for a hora de invadir o acampamento dos Crow sem serem percebidos e levar seus cavalos.

White Man's Dog também está nesse clima de apreensão. Está esperando ansiosamente uma virada na sua sorte, pois, após ter pedido ajuda ao *many-faces-man* Mik-api, "White Man's Dog felt that the bad spirit that caused him misfortune had left his body."¹⁸ (p.23). Ele segue exatamente as instruções de Mik-api, pois precisa provar a ele mesmo que esse *bad spirit* saiu de seu corpo e que é digno de honrar e defender o seu povo e de ser respeitado.

White Man's Dog held the small pouch of yellow pigment that Mik-api had given him. It was a strange powdery earth that Mik-api obtained from the Siksikas in the far northland. Just to hold it made White Man's Dog tremble with expectation.¹⁹ (p. 22)

White Man's Dog sabe o significado e a força que tem o pigmento que Mik-api lhe dera. Por isso treme diante dele, pois ele pode lhe ajudar a mudar a sua sorte. Esse momento para ele é tão importante que pode resultar em uma mudança em sua vida para sempre: ele pode voltar para seu povo como alguém que fracassou na sua primeira investida contra os inimigos, ou pode voltar repleto de glórias por ter se saído bem, por ter agido com coragem e bravura e por poder se sentir finalmente um homem adulto digno de respeito e admiração.

É importante salientar também que esse momento da narrativa deixa claro um aspecto cultural fundamental que faz com que os jovens que participam da expedição conheçam muito bem o inimigo e o tipo de batalha que irão enfrentar: as histórias contadas pelos mais velhos. Uma noite antes da investida, Yellow Kidney informa os jovens que ele vai entrar no acampamento de Bull Shield - um dos chefes mais temidos dos crow - lá ele conseguirá os melhores cavalos, a melhor arma e se vingará desse chefe que em outras ocasiões fez os pikunis chorarem. Assim o narrador descreve a reação dos jovens diante da revelação de Yellow Kidney:

The five young men looked at him with eyes wide open. They had heard many stories of this hateful Crow chief from their fathers, their older brothers, the men who sat around the fires at night. Many Pikuni parties had

¹⁸ White Man's Dog sentiu que o espírito ruim que lhe causava má fortuna tinha deixado seu corpo.

¹⁹ White Man's Dog segurou a pequena bolsa de pigmento amarelo que Mik-api lhe dera. Era um pó de terra estranho que Mik-api obteve com os siksikas na distante terra do norte. Só de segurá-lo, White Man's Dog já tremia de expectativa.

gone after him only to sneak back into camp, their bellies low to the ground.²⁰ (p. 24)

Eles vão para essa expedição com muitos conhecimentos adquiridos através das histórias, pois a educação indígena é feita principalmente através delas. Podemos dizer que eles vão munidos de histórias, pois tudo o que conhecem de seu inimigo vem através delas, da experiência que os mais velhos tiveram com os crows. Eles ficam assustados por saberem do que Bull Shield é capaz e temem terem que enfrentá-lo em campo de batalha.

Porém, a tarefa de entrar no acampamento de Bull Shield e tentar levar o que ele tem de melhor caberá somente a Yellow Kidney, Boss Ribs e Fast Horse que possuem poderes mais fortes que White Man's Dog e os outros jovens. Esse fato acaba aumentando ainda mais a responsabilidade de White Man's Dog, pois agora será dele a tarefa de conduzir os mais novos pelo outro lado do acampamento dos crows. Ou seja, será um grande teste para White Man's Dog, que, até o momento, fora conhecido pela sua má sorte. No entanto, apesar dessa má fama, ele sempre esteve atento para aprender o máximo que pôde, pois sempre ouviu com atenção as histórias, respeitou e honrou os poderes dos seres do mundo e as entidades responsáveis pela sorte de seu povo e aproximou-se de um *many-faces-man* que realizou uma cerimônia de cura para ele. Consciente de sua função em seu mundo e do importante papel que esperam que ele desempenhe naquele momento, White Man's Dog se portou impecavelmente do início ao fim da batalha. Por exemplo, ainda antes de entrar no acampamento dos crows, ele nota a ansiedade no comportamento de seus companheiros em relação a aparente facilidade com que eles cumpririam sua tarefa e resolve alertá-los, utilizando como exemplo de conduta naquele momento, as histórias das experiências dos mais velhos:

You will do as I say. If we are to be successful, we must act as wisely as our fathers. We must be as brave and strong as our long-ago people. We have traveled long to reach this place and now we will take horses – but we must not be greedy. We will take as many as we can drive. If we create a commotion now, it will go hard on us and on Yellow Kidney and the others.²¹ (p. 29)

²⁰ Os cinco jovens olharam para ele com os olhos arregalados. Eles tinham ouvido muitas histórias a respeito desse chefe crow odioso de seus pais, de seus irmãos mais velhos, dos homens que se sentavam em volta da fogueira à noite. Muitas expedições pikunis tinham ido atrás dele apenas para ter que voltar em retirada com o rabo entre as pernas.

²¹ Vocês farão como eu digo. Se é para sermos bem sucedidos, nós temos que agir tão sabiamente quanto nossos pais. Temos que ser corajosos e fortes como os nossos ancestrais. Nós viajamos muito para chegar neste lugar e agora nós pegaremos cavalos – mas não devemos ser gananciosos. Pegaremos

Esse é o primeiro momento de White Man's Dog como líder, e ele sente a responsabilidade de evitar que os jovens se comportem de maneira leviana num momento tão tenso e importante. No entanto, não o faz sem medo, mas sim o enfrentando, utilizando mais uma vez como suporte as histórias e experiências dos mais velhos e confiando na proteção espiritual:

He had heard his father, Rides-at-the-door, and the other men talk of fear, their own fear in dangerous spots, but he had not really believed them. They were warriors, men who had proven themselves. [...] Sun Chief, take pity on me. Thunder Chief, give me your strength. I will honor you all my days, I will live according to your guidance. White Man's Dog sang his war song in a low voice and felt his strength returning. His chest had quit heaving and he felt he could die with honor.²² (p. 30)

White Man's Dog, inexperiente em tal situação, duvida de si mesmo na liderança dos jovens, mas o medo que sente já foi sentido por seu pai, pelos outros homens que contavam suas histórias, que ele atentamente ouvia para aprender, para que, quando chegasse o seu momento, ele soubesse como agir. Ele aprende nesse momento que esses homens que já “had proven themselves” se tornaram respeitados guerreiros não porque não sentiam medo de enfrentar o inimigo, mas porque souberam controlá-lo para poder agir com inteligência. Por isso ele se apequena, pede piedade aos seres que podem lhe dar poder, sorte e promete honrá-los por toda sua vida. Ao fazer isso, ele está em perfeita consonância com seu pai, com os mais velhos, com os antepassados e sente sua força retornando, pois sabe que até ali fizera tudo o que estava a seu alcance para ser merecedor de honra e respeito, seja ao voltar para sua casa, ou seja até mesmo para morrer nas mãos dos crows.

No caminho de volta dessa bem sucedida expedição, os jovens novamente estão reunidos, já não mais preocupados com a batalha que haveria de vir, mas sim felizes por terem feito aquilo que em seus corações sabiam que pikunis deveriam fazer. Agora já não eram mais meninos, eram adultos que conduziam seus próprios cavalos. Nessa reunião de confraternização eles contam suas histórias:

apenas o número de cavalos que pudermos levar com segurança. Se nós criarmos um tumulto agora, haverá consequências pesadas para nós, para Yellow Kidney e para os outros.

²² Ele tinha ouvido seu pai, Rides-at-the-door, e os outros homens falarem de medo, seus próprios medos em situações perigosas, mas não tinha realmente acreditado neles. Eles eram guerreiros, homens que tinham dado prova de si mesmos. [...] Chefe Sol, tenha piedade de mim. Chefe Relâmpago, me dê a sua força. Honrarei-os todos os meus dias, viverei de acordo com a sua orientação. White Man's Dog cantou sua canção de guerra em voz baixa e sentiu a sua força retornando. Seu peito tinha parado de arfar, e ele sentiu que poderia morrer com honra.

The young men huddled around the small fire inside the makeshift war lodge beneath Woman don't Walk Butte. They laughed and told stories of the raid, each one recounting his part, his acts of boldness, until the others mocked him and called him a near-woman. As they escalated their stories and responses, they all felt the thrill of their new wealth and the beginnings of their manhood.²³(p.34)

Eles, portanto, irão voltar para junto de seus familiares, para seus amigos com suas próprias histórias para contar, pois agora eles já não são mais os mesmos que saíram de suas casas em busca de honra e respeito. Eles estão orgulhosos de si mesmos, pois mostraram para a sua comunidade que ela pode contar com suas forças e que eles são capazes de corresponder às expectativas.

Nessa expedição, fica claro que o mundo indígena no romance está acontecendo de acordo com os próprios conceitos de vida pikunis independentes de todo o discurso ocidental criado para subjugar-los. Por exemplo, seria bastante fácil impormos uma lógica moralista em relação a essa expedição pikuni, pois poderíamos pensar que esses índios não passam de ladrões de cavalos, que só há vergonha nisso e que esses sujeitos mereceriam estar na cadeia. Mas nossa moral não é a mesma desses indígenas que veem muita honra nesse ato, pois com ele mostram que têm coragem e valor para honrar e defender o seu povo.

Portanto, o projeto de James Welch com *Fools Crow* vai muito além do romance e se torna um marco na literatura americana por sua linguagem que reconta de dentro para fora acontecimentos históricos no formato do romance, mas com um discurso pikuni, com um discurso que propõe um ponto de vista propriamente indígena.

²³ Os jovens se reuniram ao redor da pequena fogueira dentro do alojamento improvisado de guerra ao pé do morro Woman Don't Walk. Eles riam e contavam as histórias da expedição, cada um contando a sua parte, seus atos de ousadia, até os outros começarem a zombar e a chamá-lo de quase mulher. Enquanto eles escalavam suas histórias e as respostas, todos eles sentiam a emoção de sua nova riqueza e o começo de sua vida adulta.

3. TERRA VERMELHA

Desde o princípio da chegada do europeu na América e no decorrer da história americana, a busca do homem branco pela posse de território em espaços geográficos delimitados e habitados por comunidades indígenas gerou conflitos que levaram a confrontos com as nações indígenas. Com o passar do tempo e com a constante intervenção da potência militar do governo dos Estados Unidos, tratados passaram a ser assinados para logo serem descumpridos dando lugar a outros tratados que, por sua vez, em pouco tempo, perdiam sua validade. O resultado desse processo todo para os indígenas foi a massiva perda de território até o confinamento em reservas. Ou seja, no centro da vida e da luta indígenas está a terra e entender os conceitos indígenas de terra nos dá mais clareza para entender aspectos culturais fundamentais expressos no romance.

Preservar seu território para o sujeito indígena é uma questão muito mais abrangente do que parece à primeira vista, pois não se refere apenas à preservação de um território qualquer, onde seja possível viver da forma que a comunidade pensa que a vida deve ser vivida. Refere-se sim ao território específico no qual os sujeitos que nele vivem desenvolveram sua cultura, sua espiritualidade, seus modos de vida, sua visão de mundo desde os tempos ancestrais.

É através da língua que o ser humano se entende e inventa seu mundo. Na perspectiva indígena a língua é concebida indissociavelmente das especificidades do território, do clima, da fauna e da flora. Jeannette C. Armstrong, ao teorizar sobre sua obra poética em inglês, nos fala de como a terra e a língua estão interligadas:

I have heard elders explain that the language changed as we moved and spread over the land through time. My own father told me that it was the land that changed the language because there is special knowledge in each different place. All my elders say that it is land that holds all knowledge of life and death and is a constant teacher. (p. 175-176)²⁴

²⁴ Ouvi os velhos explicar que a língua mudou à medida que mudamos e nos espalhamos pela terra através do tempo. Meu próprio pai me contou que era a terra que mudava a língua porque há conhecimentos especiais em cada lugar diferente. Os velhos dizem que é a terra que contém todo o conhecimento da vida e da morte e é uma constante professora.

É a terra que cede os recursos necessários para viver, abriga as árvores frutíferas e os animais que fornecem sua carne como alimento, seu couro para o revestimento das moradias e sua pele como proteção para o frio. A terra abarca “all knowledge of life and death” e, por isso, molda a cultura, os modos de vida, a língua. Os sujeitos, os discursos, as visões de mundo e os conhecimentos passados de geração em geração vão se constituindo nessa relação prática com as necessidades imediatas da sobrevivência e da vivência terrena.

A partir desses elementos essenciais surgem as histórias. Essas criações literárias tratam com toda a gama de conhecimento desenvolvida pela comunidade e com os variados aspectos que a vida abrange. Jo-ann Archibald, no livro *Indigenous Storywork: Educating the Heart, Mind, Body, and Spirit*, ao discutir a formação de um narrador de história, explica que para narrá-las é preciso estar em sintonia com o que elas têm a dizer e a ocasião em que estão sendo contadas. Para isso ele salienta os variados tipos de histórias que existem:

The types of stories can vary from the sacred to the historical, from cultural traditions to personal life experiences and testimonials. Some stories are just for fun, while others have powerful “teachings”. Some stories may be “owned”, those that are responsibility of the individuals, clans, or families; some belong to the “public domain”, being available for anyone to tell. Some stories can be told only at certain times of the year.²⁵ (p. 85)

Esses variados tipos de histórias não são separados em gênero, pois, ao mesmo tempo em que podem ser, por exemplo, sagradas, podem conter ensinamentos para a vida cotidiana. Dentro das histórias há, apenas para citar alguns exemplos, ensinamentos de como construir alojamentos, caçar, curtir o couro, fabricar armas. Ensinamentos de como se orientar no território, tratar os animais e lidar com as plantas medicinais. Portanto, através dessas histórias os conhecimentos são transmitidos para as gerações mais novas, assegurando assim que os valores culturais, a experiência de vida dos mais velhos, os conhecimentos construídos de geração em geração, as informações sobre quais povos são amigos e quais são inimigos e sua localização, sejam passados de maneira segura para os jovens.

²⁵ Os tipos de histórias podem variar do sagrado ao histórico, das tradições culturais às experiências pessoais e testemunhos. Algumas histórias são apenas entretenimento, enquanto outras possuem ensinamentos poderosos. Algumas histórias podem “pertencer” a alguém, aquelas que são de responsabilidade dos indivíduos, dos clãs ou das famílias; algumas pertencem ao domínio público, estando disponíveis para qualquer um contar. Algumas histórias podem ser contadas apenas em determinadas épocas do ano.

Os sujeitos indígenas se relacionam com essas histórias por todos os lugares pelos quais se movimentam: elas estão nos animais, nas mudanças do clima, na geografia do território, nas constelações no céu. Cada especificidade da terra tem uma história própria e ensinamentos que fazem com que a transmissão de conhecimento de geração em geração seja intermediada pelas características determinadas do ar, dos rios, do fogo, das estrelas, entre tantos outros elementos relacionados com a terra. Para se aprender basta estar atento à inteligência das coisas que compõe esse mundo. Nesse sentido, os sujeitos indígenas posicionam-se de forma humilde em relação ao conhecimento ao não imporem um sentimento de posse em relação a ele, assumindo assim que os conhecimentos necessários para a sobrevivência e para se ter uma vida plena não pertencem unicamente à esfera dos humanos, mas inclui também o mundo.

Em *Fools Crow* temos diversas passagens que salientam a importância da terra e sua relação indissociável com as histórias. Uma delas trata de uma importante cerimônia em que haverá a realização da dança do sol. Antes de iniciá-la, Ambush Chief, o mestre de cerimônia da ocasião, conta a história de origem da cerimônia e as razões de sua realização. Ele conta a história de Scar Face, o jovem que foi o responsável por trazer os ensinamentos de Sun Chief e instruir o povo pikuni nos movimentos da dança, nas canções e na maneira correta de realizar a cerimônia do início ao fim.

Scar Face, segundo a versão da história contada no romance²⁶, vivia a princípio com os seres do céu junto a sua mãe Feather Woman, seu pai Morning Star e seus avós paternos Sun Chief e Night Red Light²⁷. No entanto, após sua mãe ter quebrado uma regra sagrada, Sun Chief a expulsa do céu e a devolve juntamente com seu filho ao seu povo de origem, os pikunis. À medida que o tempo passa, Feather Woman morre de tristeza pela saudade que sente de seu marido, enquanto seu filho cresce com uma cicatriz em seu rosto. Conforme ele vai crescendo a cicatriz vai ficando maior. Seus amigos riem constantemente de seu rosto desfigurado e o chamam de Poia - Scar Face. Farto dessa situação, ele vai à procura de um *many-faces-man* no intuito de receber instruções para fazer o caminho de volta à casa de Sun Chief. Depois de uma longa viagem, ele chega ao seu destino, mas Sun Chief não o reconhece e, enfurecido com a invasão de sua morada, decide matá-lo. No entanto, Night Red Light se compadece da

²⁶ A mesma história pode ter tantas versões quantas são as pessoas e contextos para contá-la. A história depende de quem conta, do motivo por que conta e da ocasião que será contada.

²⁷ Luz vermelha da noite = lua.

má sorte do garoto e intercede por ele, salvando-o. Sem saber que é seu filho, Morning Star passa a lhe ensinar muitas coisas sobre o Sol e a Lua e sobre os vários grupos de *Star People*²⁸ que habitam o céu. Certo dia, numa caçada, sete pássaros grandes atacam Morning Star, mas Scar Face chega a tempo de matá-los e salvar seu pai. Sun Chief, ao saber do feito, remove a cicatriz do rosto de Scar Face e, em gratidão, pede para que ele volte ao seu povo e instrua as pessoas a honrá-lo ao princípio de cada verão a partir de então. Se dessa forma eles agirem, Sun Chief promete curar os doentes e assegurar que o alimento venha em abundância. Após instruir o povo, Scar Face retorna à casa do Sol com uma noiva. Sun Chief então o transforma em uma estrela no céu tão próxima ao seu pai a ponto de as pessoas na terra os confundirem.

Mais à frente no romance há outra menção a essa história, mas agora ela é trazida à tona em outro contexto e por outros motivos. O menino chamado One Spot, irmão da esposa de Fools Crow, Red Paint, foi mordido violentamente no rosto por um lobo com raiva. Depois de ficar entre a vida e a morte, o menino aos poucos vai se recuperando e retomando os sentidos. Em uma das conversas com Fools Crow, One Spot, ainda debilitado, demonstra preocupação com a cicatriz que a mordida deixará no seu rosto. Nesse momento, o agora respeitado e experiente Fools Crow, aproveita a oportunidade para lembrar o menino da história de Scar Face:

“Will I have a scar forever?”

“Do you remember the story of Poia – Scar Face?”

“Yes. He came from Sun Chief and instructed our people in the Sun Dance. Afterward, Sun Chief made him a star in the sky, just like his father, Morning Star.”

“But before that he was a boy just like you, with a scar on his face.”

“But the people laughed and scorned him!”

“In those days, the people were not wise. Now we honor Poia. Of all the Above Ones, he is most like us, and so you must think of your scar as a mark of honor. You will wear it proudly and the people will be proud of you.”²⁹

(p. 262)

²⁸ Povo estrela.

²⁹ “Terei uma cicatriz para sempre?”

“Você se lembra da história de Poia – Scar Face?”

“Sim, ele foi enviado por *Sun Chief* e instruiu nosso povo na Dança do Sol. Depois disso, *Sun Chief* fez dele uma estrela no céu, assim como o seu pai, Estrela da Manhã.”

“Mas antes disso ele era um garoto assim como tu, com uma cicatriz no seu rosto.”

“Mas as pessoas riam e zombavam dele!”

“Naqueles dias, as pessoas não eram sábias. Agora nós honramos Poia. De todos os Seres Acima, ele é o mais parecido conosco, e é assim que tu deves pensar sobre tua cicatriz como um sinal de honra. Você a carregará orgulhosamente e as pessoas terão orgulho de ti.”

A história de Scar Face não foi contada apenas na realização de uma importante cerimônia, mas foi também lembrada para que o menino One Spot pudesse utilizá-la como ponto de partida para sua plena recuperação física e emocional após o evento traumático que deixará marcas para sempre no seu rosto. Essa história demonstra como até mesmo o céu acima da terra onde vivem não é qualquer céu, pois ele é carregado de sentidos e significados. Como os outros seres pertencentes à terra, as estrelas têm suas histórias, têm seus ensinamentos.

É a existência dessas histórias, dessa terra, desse céu, que forma como uma camada simbólica sobre o mundo e fundamenta a relação desses povos com o mundo natural e cósmico e, portanto, fundamenta também a sua identidade e que o discurso ocidental³⁰ não reconhece, que precisa ser defendida. É por ela que os grupos indígenas se organizaram, enfrentaram, se reinventaram e sobreviveram a constantes investidas militares e não militares contra o seu modo de vida. Entender essa perspectiva de terra é entender a perspectiva através da qual os indígenas olham a vida, ou, como no caso do romance *Fools Crow*, como os pikunis vivem e pensam sua vida.

³⁰ Entenda-se aqui o discurso ocidental como aquele que se depreende das práticas das políticas nacionais (oficiais ou não) dos países industrializados com suas concomitantes políticas econômicas e sociais que veem as sociedades indígenas como empecilhos para o progresso.

4. O JEITO PIKUNI DE SER

Ao longo do romance há diversas referências ao jeito pikuni de ser que orienta a maneira dos sujeitos indígenas pertencentes à nação Blackfoot agirem nas mais variadas situações. Uma das formas de abordar o jeito pikuni de ser, a exemplo de como já foi abordado no capítulo 2, é analisando a forma que os jovens em formação pensam e agem. Nesse capítulo, portanto, iremos analisar os personagens White Man's Dog e Fast Horse, suas formas de agir e seus diferentes posicionamentos em relação aos problemas de seu povo. Além disso, durante a análise, irei salientar alguns conceitos indígenas que orientam suas vidas, suas experiências e visão de mundo do povo que pertencem. Dessa forma será possível entendermos melhor a lógica do mundo indígena expressa no romance.

White Man's Dog é apresentado nas primeiras páginas do romance como um jovem de 18 anos frágil e com falta de confiança em si mesmo, procurando uma maneira de mudar a sua sorte: "Not so Lucky was White Man's Dog. He had little to show for his eighteen winters."³¹ (p. 3) Ele não possuía nada que um jovem de sua idade almejava ter: um bom cavalo, uma boa arma para caçar, respeito dos mais velhos e por essa razão nenhuma mulher olhava para ele - o que para um jovem é com certeza bastante frustrante: "Even the bad girls who hung around the forts wanted nothing to do with him. Because he did not own a fine gun and a strong horse they ignored him."³² (p. 4)

Seus amigos e até mesmo seu pai, Rides-at-the-door, um importante líder, duvidam de sua capacidade de se tornar um homem respeitado. Num momento em que Rides-at-the-door está analisando a trajetória da adolescência de seu filho, ele tem o seguinte pensamento:

For so many sleeps, moons, his elder son had been morose, even timid, and there was talk around that he might choose the coward's way, that he would

³¹ White Man's Dog não tinha a mesma sorte. Tinha pouco a mostrar por seus 18 invernos.

³² Até mesmo as garotas fáceis que rondavam os fortes não queriam nada com ele. Elas o ignoravam porque ele não possuía uma boa arma e um cavalo forte.

never strike the enemies. No one said that to Rides-at-the-door, but he knew.³³(p.9)

Essas características de White Man's Dog criam um forte efeito no início do romance quando ele é comparado ao seu amigo Fast Horse que é um ano mais novo do que ele. Nas primeiras palavras de Fast Horse, ele aparece zombando de White Man's Dog, chamando-o de Dog-lover³⁴ e near-woman³⁵, deixando claro que ele sabe da má sorte de seu amigo e tira vantagem dela se mostrando muito confiante e poderoso. A única coisa que falta para Fast Horse, no entanto, é riqueza. Ele diz para White Man's Dog: "Soon I'll be a very important man. Many women already find me attractive but their fathers know I am without wealth."³⁶ (p. 7) White Man's Dog está maravilhado com o poder de seu amigo e acaba, em um tom de inveja, comparando sua fraqueza à força que seu amigo aparenta ter: "He didn't like the way Fast Horse talked. He had one winter on Fast Horse and in the past had beaten him up. But now Fast Horse seemed beyond his accomplishments."³⁷ (p. 7)

A relação entre esses dois amigos é muito importante durante toda a narrativa, pois os problemas que eles enfrentam na transição para a fase adulta são os mesmos. No entanto, White Man's Dog se sente menos que seu amigo e sente também que as realizações de Fast Horse ofuscam ainda mais sua própria força, mesmo ele sendo um ano mais velho. Num esforço de tentar buscar explicação para o fato de seu amigo o ter superado dessa maneira, White Man's Dog busca razões em conceitos tradicionais pikunis:

It was because of his father's Beaver Medicine bundle, one of the most powerful bundles among the Pikunis. Soon Fast Horse would learn the ways of this bundle and someday inherit it. He would be powerful and, like him or not, the people would come to respect this power.³⁸ (p. 7)

³³ Faziam muitas noites, luas, que seu filho mais velho tinha estado cabisbaixo, até mesmo tímido e havia rumores que ele poderia escolher o caminho dos covardes, que ele nunca iria derrubar os inimigos. Ninguém dizia isso para Rides-at-the-door, mas ele sabia.

³⁴ Amante de cachorro.

³⁵ Quase moça.

³⁶ Logo eu vou ser um homem muito importante. Muitas mulheres já me acham atraente, mas seus pais sabem que eu não tenho riqueza.

³⁷ Ele não gostava da maneira que Fast Horse falava. Ele era um inverno mais velho do que o amigo e no passado ele o tinha superado. Mas agora Fast Horse parecia muito além de suas realizações.

³⁸ Era por causa da *Medicine bundle* do castor que seu pai possuía, um dos mais poderosos bundles entre os pikunis. Logo Fast Horse iria aprender os caminhos desse *bundle* e um dia herdá-lo. Ele iria ser poderoso e, quer gostem dele ou não, as pessoas iriam respeitar esse poder.

Um *medicine bundle* é um conjunto de elementos sagrados relacionados ao poder e à força de um animal, no caso do *beaver medicine bundle*,³⁹ ao castor. Ele pode conter plantas, sementes, ervas, tabaco, pelos de animais, ossos, entre outros. Além disso, a esses *bundles* estão relacionadas uma série de conhecimentos, histórias, canções e cerimônias. Esses elementos juntos possuem poder de cura do corpo, da mente e do espírito, pois são construídos através do tempo e da experiência de todos os sujeitos que possuíram a responsabilidade de cuidá-lo e passá-lo de geração em geração. O pai de Fast Horse, detentor do *beaver bundle*, ao tentar convencer seu filho a aprender os segredos desse poderoso *medicine bundle*, explica:

There is great power in that bundle. We will open it, and I'll teach you its ways. There are four hundreds songs that you will have to learn. There are stories and proper ways of acting them out. I do not expect you to learn it all at once [...].⁴⁰ (p. 187)

Portanto, um grande poder é conferido a esses *bundles*, pois neles estão contidos a essência da espiritualidade pikuni, ou seja, do contato através do tempo com outras forças e presenças existentes no mundo. A força de Fast Horse, segundo White Man's Dog, portanto, vem da *medicine bundle* de seu pai, “um dos mais fortes entre os pikuni”, ao qual “all the living things in the country of the Pikunis had given their songs”⁴¹ (p. 70). Por isso “the power contained within was immense.”⁴² (p. 70) White Man's Dog não gosta da maneira que seu amigo fala de si mesmo, mas quer gostem dele ou não, as pessoas irão respeitá-lo, pois ele é o herdeiro desse *bundle*. Depois de pensar na sorte de Fast Horse, White Man's Dog confessa para seu amigo sobre seu próprio infortúnio.

I have been without luck for many moons, Fast Horse. More than two winters I went to seek my animal helper. I sweated, I prayed, I fasted, I smoked to him. And on the fourth night he did come – but he only came to look at me. [...] He gave me no song, no vision.

³⁹ Sacola da medicina do castor – doravante irei me referir a esse conceito em inglês.

⁴⁰ Existe um grande poder nesse “bundle”. Nós o abriremos, e eu te ensinarei os seus caminhos. Existem quatrocentas canções que você terá que aprender. Há histórias e as formas apropriadas para contá-las. Eu não espero que você aprenda tudo de uma vez.

⁴¹ Todas as coisas vivas na terra dos pikunis haviam dado suas canções.

⁴² O poder contido nele era imenso.

He just looked and then he went away before I could offer him a smoke.⁴³ (p. 7)

Como podemos depreender dessa passagem, uma das razões para a má sorte de White Man's Dog é que ele não encontrou seu *animal helper*. O animal que lhe emprestará sua força e sua *medicine*, seu poder. Para entender a importância desse animal é preciso entender o conceito de *medicine* que é bastante diferente do nosso entendimento de medicina, pois se relaciona à visão de vida indígena como uma experiência voltada à relação com todos os seres da terra, em que estar em harmonia com as forças que existem no mundo, no universo, pode lhes conferir poder.

Ter boa *medicine*, nesse contexto, significa estar em harmonia com o todo da vida e manter essa teia de relações com o mundo, com a terra, com os animais, com os astros, e todas as outras presenças a nossa volta, é estar atento para que esse sistema se mantenha saudável, para que o universo se mantenha em harmonia. A má sorte de White Man's Dog é causada por algum desequilíbrio nessa cadeia de relações, e, por conta disso, o animal que lhe dará poder, isto é, o ajudará a ter uma compreensão mais completa da vida ainda não veio a seu encontro.

Além disso, cada animal possui suas próprias características, que determinam seu modo de ser no mundo, relacionadas com a sua forma. Buscar a força de um animal, portanto, é estar consciente da limitação de sua própria força, da sua percepção do mundo, pois os animais têm conhecimentos e visões de mundo que nós humanos não temos. Buscar a força de um animal, nessa visão, é reconhecer a própria vulnerabilidade e saber que é preciso aprender com as lições dadas pelas criaturas para buscar completude e equilíbrio com tudo o que existe. White Man's Dog está preocupado, pois já fez tudo que tinha aprendido até o momento para ser digno de seu animal vir até ele: por quatro noites ele se isolou, suou, orou e jejuou e ofereceu tabaco para que seu animal de poder viesse a ele, mas, apesar de ter aparecido na última noite, o animal não ofereceu nenhuma canção e nenhuma visão a ele. “He just looked and then he went away before I could offer him a smoke.” (p. 7)

Foram quatro noites que ele passou isolado, jejuando em busca de visão, mas White Man's Dog apenas consegue visualizar de longe seu animal protetor. No entanto,

⁴³ Tenho convivido com a má sorte por muitas luas, Fast Horse. Mais de dois invernos atrás busquei meu animal ajudante. Suei, rezei, jejei, fumei para ele. E na quarta noite ele de fato apareceu – mas veio somente para olhar para mim. [...] Não me deu nenhuma canção, nenhuma visão. Apenas olhou e depois foi embora sem que eu pudesse sequer lhe oferecer tabaco.

Fast Horse oferece a ele uma alternativa mais fácil, sugerindo que seria melhor não colocar tanta importância nesse animal e simplesmente procurar por outro que tenha mais poder. Fast Horse coloca toda culpa da não aproximação no animal, mas White Man's Dog se mostra consciente da sua posição em relação a esse poder e pensa que seu animal o está apenas testando para ver se ele é merecedor. White Man's Dog aceita esse teste, acreditando que essa é a maneira como as coisas devem ser. Fast Horse, por sua vez, não dá muita atenção para as palavras de seu amigo, dizendo: "I'll give you strength, dog lover."⁴⁴ (p. 8)

A arrogância de Fast Horse faz com que ele não dê relevância para as atribuições de seu amigo. Ele apenas vê a si mesmo e as coisas que ele quer fazer com seu poder, esquecendo-se de sua comunidade e da sua importância para ela. Dessa forma, apesar de seu poder, ele para de aprender, pois passa a não ver mais as coisas de seu mundo com o olhar de seu mundo. White Man's Dog, por sua vez, está constantemente atento para aprender o máximo possível e aceita as suas limitações e fraquezas momentâneas, buscando uma maneira de mudar sua sorte.

Em essência, White Man's Dog e Fast Horse não são tão diferentes. Os dois estão se tornando adultos e esperando ansiosamente para se tornar homens respeitados. Eles estão procurando maneiras de conseguir riqueza no intuito de ter mulheres olhando para eles para em seguida poderem ter uma esposa e uma família. A diferença está na perspectiva que eles escolhem quando se posicionam em relação a essas coisas naturais de sua cultura. Fast Horse está preocupado consigo mesmo nesse processo, não com a sua relação com o mundo a seu redor e com sua relação com a comunidade. O oposto acontece com White Man's Dog, pois ele é capaz de diminuir a si mesmo, de aceitar que ele é pequeno perante o mundo e aprender as coisas de seu povo com mais propriedade.

Nessa mesma conversa, Fast Horse convida White Man's Dog para a já mencionada expedição ao acampamento da tribo rival dos crow. A intenção é roubar cavalos, armas e ir atrás de honras de batalha. White Man's Dog, embora saiba que mais cedo ou mais tarde terá que provar seu valor a seu povo, está relutante porque ele está ciente de sua má sorte, de sua *bad medicine*. Mas o que é interessante nesse momento é que ele não está com medo de morrer em território dos crows, pois, ao colocar seu povo à frente dele mesmo, ele conseqüentemente está mais preocupado com as histórias que

⁴⁴ Eu lhe darei força, amante de cachorro.

ele deixará para seu povo contar, ou seja, que tipo de ensinamentos a sua existência deixará para as gerações futuras e o que seus parentes que já morreram dirão quando encontrá-lo. Ele diz para Fast Horse: “Without my good medicine I am afraid of the Crows. They will surely kill me and our relatives in the Sand Hills will say, Here comes the coward, he was afraid of the Crows. I am no fit for such a party.”⁴⁵ (p. 8)

White Man’s Dog não se julga apto para se unir ao grupo, pois, apesar de já ter idade, ainda se sente doente. Mas Fast Horse havia conversado com o *many-faces-man* Mik-api e pedido para que, antes da expedição, realizasse uma cerimônia para os dois. Entende-se como um *many-faces-man* uma pessoa que tem contato direto com o mundo não humano, com um meio ambiente repleto de forças vivas e que intercede pelos indivíduos e pela comunidade, negociando formas de manter os dois mundos, o humano e não humano, em equilíbrio. O filósofo David Abram, em seu artigo “A More-Than-Human World”⁴⁶, relata seu próprio processo de descobrimento da relação dos xamãs com o mundo não humano das comunidades de tradição oral na Ásia rural. A princípio, seu objetivo era pesquisar a relação entre mágica e medicina praticada por esses xamãs, mas ele relata que acabou entrando em contato com uma percepção espiritual do mundo muito mais profunda do que imaginava encontrar:

The traditional or tribal shaman, I came to discern, acts as an intermediary between the human community and the larger ecological field, ensuring that there is an appropriate flow of nourishment, not just from the landscape to the human inhabitants, but from the human community back to the local earth. By his constant rituals, trances, ecstasies, and “journeys,” he ensures that the relation between human society and the larger society of beings is balanced and reciprocal, and that the village never takes more from the living land than it returns to it.⁴⁷ (p.21)

A importância do *many-faces-man*, então, está em atuar como um intermediário entre o povo e esse mundo não humano indissociáveis. Ele é aquela pessoa que negocia com as outras presenças com o objetivo de manter a teia de relações entre esses dois

⁴⁵ Sem a minha boa medicina eu tenho medo dos crows. Com certeza eles vão me matar e nossos parentes nas “Colinas de Areia” dirão: aqui vem o covarde, ele teve medo dos crows. Eu não sou digno de ir nessa expedição.

⁴⁶ Um mundo além do humano.

⁴⁷ O xamã tradicional ou tribal, que eu vim a conhecer, atua como um intermediário entre a comunidade humana e o campo ecológico mais amplo, assegurando que haja um fluxo adequado de nutrição, não apenas do ambiente para os habitantes humanos, mas da comunidade humana de volta para a terra local. Através de seus rituais, transe, êxtases e “jornadas” constantes, ele assegura que essa relação entre a sociedade humana e a sociedade mais ampla dos seres seja equilibrada e recíproca e que os vilarejos nunca tirem mais da terra viva do que aquilo que eles devolvem.

mundos em equilíbrio. As canções, as cerimônias, as orações e até mesmo algumas histórias, por exemplo, são também formas de dar um retorno ao mundo em troca de tudo o que ele oferece e garante à vida humana na terra. As causas das doenças, da má sorte de uma pessoa ou de um povo, entre outras mazelas, acontecem quando há um desnível nesse equilíbrio entre o que as pessoas ou a comunidade tiram do mundo e o que elas dão em retorno para manter “an appropriate flow of nourishment”. Nesse sentido, David Abram também salienta:

Disease, in such cultures, is often conceptualized as a kind of systemic imbalance within a sick person, or more vividly as the intrusion of a demoniac or malevolent presence into his body. There are, at times, malevolent influences within the village or tribe itself that disrupt the health and emotional well-being of susceptible individuals within the community.⁴⁸

É o caso de White Man’s Dog. Por possuir algum desequilíbrio interno, se tornou suscetível em sua fraqueza e deu espaço para que um espírito maligno entrasse em seu corpo. Portanto, White Man’s Dog aceita se unir ao grupo que irá entrar no território dos crows apenas depois de fazer a cerimônia de cura com Mik-api e remover de seu corpo o espírito maligno que lhe causava má sorte.

É na expedição para roubar os crows que as coisas começam a mudar na vida de White Man’s Dog e na de Fast Horse. Durante a marcha, Fast Horse tem um sonho no qual *Cold Maker*⁴⁹ pede a ele um favor oferecendo em troca ajuda ao grupo na expedição contra os crows. Fast Horse faz uma promessa a *Cold Maker*, mas não a cumpre. Além disso, e ainda pior, ele tem um comportamento inadequado durante a batalha, pois, ao entrar no acampamento dos crows, começa a insultá-los em voz alta, permitindo que o temido Chefe Bull Shield capture Yellow Kidney para logo torturá-lo e mutilá-lo.

White Man’s Dog fez o que deveria fazer no campo de batalha. Ele teve que matar um jovem inimigo para não ser descoberto, pois, se o fosse, colocaria a sua vida e a dos outros em risco e voltou para o seu povo muito bem sucedido na sua primeira

⁴⁸ A doença, em tais culturas, é frequentemente entendida como um tipo de desequilíbrio sistêmico dentro da pessoa doente, ou mais claramente como a invasão de uma presença demoníaca ou maligna em seu corpo. Às vezes, há influências malignas dentro do vilarejo ou da própria tribo que desestabilizam a saúde e o bem estar emocional de indivíduos suscetíveis dentro da comunidade.

⁴⁹ Fazedor de frio = inverno.

experiência. Fast Horse, pelo contrário, embora ninguém saiba sobre seu comportamento no acampamento inimigo, torna-se cada vez mais mal-humorado e quieto e não procura mais seu amigo. Enquanto isso, White Man's Dog permanece atento para a aprendizagem. Ele continua ouvindo com afínco os mais velhos, aproxima-se ainda mais de Mik-api com o objetivo de ajudá-lo no que fosse preciso, já que esse *many-faces-man* já possuía “seventy-four winters”⁵⁰ (p. 65). Além disso, ele encontra seu animal protetor, o carcaju, casa-se com a filha de Yellow Kidney, Red Paint e ganha o nome Fools Crow, após a batalha de revanche em que seu povo se vingou dos crows pelas humilhações sofridas por Yellow Kidney. Ele se torna respeitado e adquire poder, mas seu amigo perde o respeito de seu povo e alguns jovens passam a vê-lo até mesmo como “a source of bad medicine”⁵¹ (p. 70). Fast Horse abandona os Lone Eaters para se unir a um grupo de rebeldes liderados por Owl Child.

Fast Horse e o bando de Owl Child veem os problemas de seu povo com os homens brancos, aos quais eles se referem no romance como Napikwans, de modo diferente dos seus chefes, que, por experiência, escolhem uma forma de resistência pacífica, tentando evitar confrontos bélicos com os “seizers”⁵². O narrador descreve o sentimento de Fast Horse em relação a sua comunidade e sua identificação com as ações de Owl Child dessa maneira:

He grew bitter and he hated his people and all they believe in. They had no power. They were pitiful, afraid of everything, including the Napikwans, who were taking their land even as the Pikunis stood on it. Only Owl Child had courage. He took what he wanted; he defied the Napikwans and killed them.⁵³(p. 71)

Fast Horse vê o seu povo como covardes que deixam os homens brancos tomarem conta de seu território sem fazer nada. Por isso, ele admira Owl Child, pois ele sim tem coragem de enfrentá-los. Os chefes pikunis não pensam dessa forma. Rides-at-the-door, por exemplo, ao saber pelo seu filho mais novo Running Fisher que Fast

⁵⁰ Setenta e quatro invernos.

⁵¹ Fonte de má medicina.

⁵² Palavra que, no romance, os pikunis usam para se referirem aos soldados americanos.

⁵³ Ele se tornou mais amargo e odiava seu povo e tudo em que eles acreditavam. Eles não tinham poder. Eles inspiravam piedade, tinha medo de tudo, inclusive dos Napikwans que estavam tomando suas terras mesmo que os pikunis ainda estivessem sobre ela. Somente Owl Child tinha coragem. Ele pegava o que queria; ele desafiava os Napikwans e os matava.

Horse tinha se afastado de seu povo para se unir ao grupo de Owl Child, expressa seu pensamento da seguinte maneira:

I'm afraid he will be a bigger problem than ever if he joins Owl Child's gang. They are no good. They think that by killing Napikwans they gain honor. All they will do is bring the blue-coated seizers down on all of us. These seizers will rub us out like the green grass bugs.⁵⁴(p. 89)

Isto é, Rides-at-the-door está pensando nas consequências que uma guerra contra os Napikwans trará para seu povo, enquanto o grupo de Owl Child está pensando apenas em sua revolta particular. Running Fisher ainda comenta: “Someday we will have to fight them”⁵⁵ (p. 89), ao que Riders-at-the-door responde: “Perhaps someday that will come to pass, my son. But for now it is better to treat with them while we still have some strength. It will only be out of desperation that we fight.”⁵⁶ (p. 89) E ainda complementa:

But you must remember that the Napikwans outnumber the Pikunis. [...] These Napikwans are different from us. They would not stop until all the Pikunis had been killed off. [...] For these reason we must leave them alone, even allow them some of our hunting grounds to raise their whitehorns. If we treat wisely with them, we will be able to save enough for ourselves and our children.⁵⁷ (p. 89)

Rides-at-the-door conhece bem os Napikwans e sabe que eles são capazes de iniciar ondas incessantes de ataques contra seu povo. Ele conhece as histórias de outros povos que confrontaram o exército americano e pereceram. Ele não quer que o mesmo aconteça com os pikunis, por isso argumenta que é preciso agir com sabedoria, pois o mais precioso a se garantir não é a vingança contra os homens brancos, mas sim a continuidade de seu povo em sua terra. O grupo de Owl Child não pensa assim, para ele

⁵⁴ Temo que ele seja um problema ainda maior do que nunca se ele se juntar à gangue de Owl Child. Eles não prestam. Achem que matando os Napikwans ganham honra. Tudo o que eles farão será trazer os *seizers* de uniforme azul para cima de nós. Esses *seizers* irão nos varrer como insetos na grama.

⁵⁵ Um dia nós teremos que lutar contra eles.

⁵⁶ Talvez um dia isso aconteça, meu filho. Mas por enquanto é melhor lidarmos com ele enquanto ainda temos nossa força. Lutaremos apenas por puro desespero.

⁵⁷ Não se esqueça que os Napikwans são mais numerosos que os pikunis [...] Esses Napikwans são diferentes de nós. Eles não parariam até que todos os pikunis estivessem mortos. [...] Por isso, devemos deixá-los em paz, até mesmo ceder algumas de nossas terras de caça para que eles criem suas cabeças de gado. Se os tratarmos com sabedoria, seremos capazes de salvar o suficiente para nós e nossos filhos.

é necessário enfrentar a presença do homem branco antes que seja tarde. Owl Child, em uma conversa com Three Bears, chefe dos Lone Eaters, já havia discutido essa questão, antes mesmo de Fast Horse ter se unido ao bando de rebeldes. Three Bears disse para Owl Child na ocasião: “If the Pikunis are to survive we must learn to treat with the whites. There are too many of them for your kind of actions.”⁵⁸ (p.61) Ao que Owl Child responde:

Someday, old man, a Napikwan will be standing right where you are and all around him will be grazing thousands of whitehorns. You will be just a part of the dust they kick up. If I have my way I will kill that white man and all his whitehorns before this happens.⁵⁹ (p. 61)

Portanto, mais uma vez, um chefe mais velho posicionou-se de modo a tentar agir com sabedoria ao lidar com os Napikwans e não apenas com o sentimento de vingança dos mais jovens que se rebelaram contra o roubo de terra feito pelos fazendeiros Napikwans. Claro que, para garantir que seu povo não perca a terra e suas riquezas nas mãos dos homens brancos, seria mais conveniente expulsá-los de uma vez por todas. Mas a experiência dos mais velhos diz que é mais prudente e melhor para o seu povo continuar negociando, a fim de aprender com o tempo como lidar e conviver com essa presença que vai ficando cada vez mais pesada e inevitável através dos anos.

Depois de algum tempo em sua nova vida, Fast Horse volta ferido por um tiro para a casa de seu pai, Boss Ribs, o responsável por manter o *beaver medicine bundle*. Fools Crow e Boss Ribs ajudam Mik-api em uma cerimônia de cura para salvar a vida de Fast Horse. Ele sobrevive, porém não muda, “Mik-api healed your body, but not your spirit”⁶⁰ (p. 187), diz Boss Ribs. Ou seja, para o entendimento pikuni, o comportamento de Fast Horse é considerado uma doença do espírito, assim como a má sorte de White Man’s Dog também era. Boss Ribs, ao conversar com seu filho, deixa claro que havia observado que alguma coisa estava indo errado com seu espírito, muito antes da expedição contra os crows.

⁵⁸ Para os pikunis sobreviverem, temos que aprender a lidar com os brancos. Existem brancos demais para o seu tipo de ação.

⁵⁹ Um dia, velho homem, um Napikwan estará de pé exatamente onde você está e em sua volta estarão pastando milhares de suas cabeças de gado. Você será apenas parte do pó em que eles pisam. Se eu tiver um jeito eu irei matar esse homem branco e todas suas cabeças de gado antes que isso aconteça.

⁶⁰ Mik-api curou o seu corpo, mas não o seu espírito.

“But I think the sickness was in you before, much before the raid. I saw a change in you and, although I didn’t care for it, I thought it was natural. Boys change when they are on the edge of manhood. I thought your loud boastfulness was a way of declaring yourself.”⁶¹ (p. 187)

Boss Ribs vai além na conversa, declarando a seu filho doente como o seu povo vive. “This is how we Pikunis live. We help each other, we depend on each other, we fight and die beside each other”⁶² (p. 187). A comparação entre os dois amigos se mostra mais forte agora, porque, ao fazer essa declaração, Boss Ribs está dizendo exatamente como White Man’s Dog vê a sua vida, pois ele age em harmonia com a perspectiva de vida de seu povo. Fast Horse, no entanto, age de forma contrária a esse modo de vida.

Mas Boss Ribs não desiste de seu filho. Ele pensa que se ele ensinar ao seu filho os segredos do *medicine bundle* que ele possui, o poder dessa *medicine* poderá curar o seu espírito. Ele finaliza expressando sua esperança: “once again you will join your people”⁶³ (p. 187). Mas depois de recuperar a saúde de seu corpo, Fast Horse começa a sentir falta de seus amigos e o modo de vida que ele experimentou na companhia deles. Ele começou a sentir a falta de sua liberdade e o modo de vida de seu povo passou a lhe parecer sem sentido:

There was nothing in camp for him anymore, nothing about the life the Lone Eaters lived that appealed to him. The thought of hunting, of accumulating robes, of the constant search for meat seemed pointless to him. There were easier ways of gaining wealth.⁶⁴ (p. 193)

Caçar. Acumular agasalhos. Procurar carne. O jeito pikuni de ser já não era o seu jeito de viver. Agora ele deixa novamente os Lone Eaters, mas dessa vez movido pela sede de vingança contra o homem branco que acertou o tiro nele. Ele se vinga, mata o

⁶¹ Mas acho que essa doença estava em você antes, muito antes da expedição [para roubar cavalos]. Eu vi uma mudança em você e, embora não tenha me importado, pensei que fosse natural. Os jovens mudam quando estão se tornando homens. Pensei que a sua ostentação era uma maneira de se autodeclarar.

⁶² É assim que nós pikunis vivemos. Nós ajudamos uns aos outros, dependemos uns dos outros, lutamos e morremos ao lado uns dos outros.

⁶³ Mais uma vez você se juntará ao seu povo.

⁶⁴ Não havia mais nada no acampamento para ele, nada a respeito da vida que os LoneEaters levavam que o atraía. O pensamento de caçar, de acumular agasalhos, da constante busca por carne parecia sem sentido para ele. Havia formas mais fáceis de adquirir riqueza.

homem e sua família, rouba seu dinheiro e seus cavalos, sem se preocupar com a consequência de seus atos para o seu povo.

Foi dito no começo desse capítulo que White Man's Dog pensava que a *medicine bundle* do pai de Fast Horse era o que dava a ele seu poder e que White Man's Dog até mesmo invejava seu amigo por causa disso. Agora, no entanto, Fast Horse foge de sua própria *medicine* e vai atrás de sua liberdade. Mesmo assim, Boss Ribs não desiste de seu filho e pede para que Fools Crow vá atrás dele e o traga de volta, porque é sua tarefa, como pai e detentor do *beaver medicine bundle*, passar esse poder à próxima geração. Novamente Fools Crow está atento para aprender. Ele escuta as palavras de Boss Ribs atentamente e aprende a história do *beaver bundle* e o porquê dele ser tão importante para o povo pikuni. Vendo o desespero do pai de Fast Horse, Fools Crow aceita a tarefa e sai à procura de Fast Horse para tentar convencê-lo a voltar.

Durante a viagem, pelo fato de estar se sentindo bem em estar sozinho, alguns pensamentos diferentes despertam em sua mente. De alguma maneira era bom ter que se importar somente consigo mesmo. Ele estava longe de seu povo, de seu pai, de sua esposa e o peso de suas obrigações pareciam mais leves.

He was enjoying himself. He had not been without another person for some time. He did not feel sad or lonely because Red Paint or his father or another hunter were not with him; instead, he felt the freedom of being alone, of relying only upon himself. [...] He had never felt so free.⁶⁵ (p. 211)

Em um primeiro momento, Fools Crow sente o gosto da liberdade que Fast Horse tinha experimentado e se sente seduzido por ela.

The thought came into his mind without warning, the sudden understanding of what Fast Horse found so attractive in running with Owl Child. It was this freedom from responsibility, from accountability to the group, that was so alluring. As long as one thought of himself as part of the group, he would be responsible to and for that group.⁶⁶ (p. 211)

⁶⁵ Ele estava gostando. Fazia tempo que não ficava sem alguém ao lado. Não se sentia triste ou solitário porque Red Paint, seu pai ou outro caçador não estavam com ele; ao invés disso, sentia a liberdade de estar sozinho, de contar apenas consigo mesmo. [...] Nunca tinha se sentido tão livre.

⁶⁶ O pensamento veio a sua mente sem aviso, a compreensão repentina do que Fast Horse achava tão sedutor em correr com Owl Child. Era essa liberdade das responsabilidades, da responsabilidade para com o grupo que era tão sedutor. Enquanto alguém se considerava como parte do grupo, ele seria responsável para e por aquele grupo.

E então ele se dá conta do que está acontecendo com ele e raciocinando mais a fundo sobre seus sentimentos, ele cria uma hipótese do que poderá acontecer em consequência das ações de Fast Horse e seu bando. Muito do que ele vem aprendendo com seu povo e da comparação com seu amigo Fast Horse o leva a ter esse pensamento:

If one cuts the ties, he had the freedom to roam, to think only of himself and not worry about the consequences of his actions. So it was for Owl Child and Fast Horse to roam. And so it was for the Pikunis to suffer.⁶⁷ (p. 211)

Esquecer-se da comunidade e de seu comprometimento para com ela, é não pensar na vida num todo muito maior do que a satisfação passageira de uma vingança pessoal ou de um grupo, sendo essa vingança justa ou não. Owl Child e Fast Horse se dão o direito de viver como acham que devem e vagam roubando e matando os homens brancos que roubam as terras de seu povo e matam seus parentes. No entanto, eles o fazem em discordância com os mais velhos, trazendo para seu mundo um desequilíbrio que poderia ser evitado.

Portanto, o jeito pikuni de ser, conforme analisado, é estar conectado com as presenças do mundo, com o céu, com a terra, com o poder dos animais, com os antepassados e reconhecer sua própria pequenez e importância na manutenção do equilíbrio dessa cadeia de relações. Por isso a importância do *many-faces-man* que se mantém como um intermediário nessa conexão, do *animal helper* como professor que ensina e lembra o quão limitado e vulnerável nós humanos somos e o *medicine bundle* que possui conhecimentos vindos das experiências dos antepassados com esse mundo passados de geração em geração e constituindo um enorme poder. Ao ter essa compreensão do mundo, White Man's Dog e os chefes mais velhos, puderam enfrentar a expansão branca com a inteligência de sua visão de mundo, isto é, garantindo às novas gerações uma chance de viver e reinventar o jeito pikuni de ser.

⁶⁷ Se alguém corta os laços, ele tem a liberdade de vagar, de pensar somente nele mesmo e não se preocupar com as consequências de suas ações. Então, era para Owl Child e Fast Horse vagar. E era para o pikunis sofrerem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Guarani, xavante, kaingang, cherokee, apache, blackfoot, apenas para citar algumas nações indígenas brasileiras e americanas como exemplo. É nessas identidades, em suas culturas e línguas que pensamos quando pensamos na palavra índio? Ou ainda pensamos no índio como uma massa uniforme de sujeitos condensada naquele que desenhamos na escola no jardim de infância? Se nossa resposta ao iniciar a leitura deste trabalho estava de acordo com a segunda pergunta, acredito que ele tenha servido muito para quebrar essa visão de mundo acerca dos sujeitos indígenas mesmo que esse trabalho tenha se limitado apenas a analisar a visão de mundo pikuni dentro do romance *Fools Crow*. Se nossa resposta estava de acordo com a primeira pergunta, acredito que esse trabalho tenha servido para ampliar nossa visão de mundo acerca dessas culturas e reconhecer que a lógica do mundo indígena é independente da colonização europeia; reconhecer também que ainda é presente a luta desses povos pelo direito à manutenção de sua cultura e da compreensão do mundo que eles desenvolveram desde muito antes da chegada do homem branco ao território americano e da imposição forçada de um ideal de sociedade.

Apesar do empenho desse ideal de sociedade em silenciar a lógica do mundo indígena pelo discurso científico, histórico, literário, jornalístico, dominante ocidental, tornando-os invisíveis e fadados a serem vistos como pertencentes a um passado já superado, esses sujeitos se reergueram e reinventaram o seu próprio jeito de ser, mantendo suas tradições. Na tentativa de assimilá-los, ensinaram-lhe o inglês e através da própria língua que os oprimia, chamando-os de selvagens, eles sustentaram suas identidades e suas posições veementemente, contaram suas vidas e sua história de um ponto de vista próprio, lutando por uma descolonização que não é apenas política e econômica, mas principalmente epistemológica.

A linguagem de James Welch no romance *Fools Crow*, portanto, como foi demonstrado, denota um projeto de descolonização epistemológica, ou como analisou Mignolo, de desligamento. Nesse sentido, o entendimento do ponto de vista indígena da terra foi de fundamental importância, pois a terra está intimamente ligada a existência desses povos. Não existe povo indígena sem a sua terra, sem as histórias que estão

ligadas a ela, sem a conexão de cada sujeito em uma teia de relações muito mais ampla e que abrange o equilíbrio de todas as presenças existentes no mundo.

Nesse sentido, ao entender o jeito pikuni de ser no romance analisado, pudemos ver o mundo de um ponto de vista atravessado pelos olhos dos próprios indígenas; viver com eles as angústias dos jovens no caminho de se tornarem homens e experimentar a maneira pela qual eles se apoiam nas histórias dos mais velhos para adquirir poder e ter um exemplo para cumprir suas tarefas com sucesso. Além disso, pudemos entrar nos embates de gerações a respeito de qual seria a maneira mais correta de lidar com a expansão americana em suas terras: se pelo confronto direto ou pelo diálogo. O jeito pikuni de ser, como vimos, escolheu a forma de resistência que oferecia mais chances de continuidade do povo em sua terra, isto é, escolheram lidar diplomaticamente, enquanto possível, com a potência militar americana, evitando um confronto bélico dramático. Pudemos também entender, pelo menos minimamente, uma perspectiva, que tem conceitos próprios como *medicine*, *animal helper*, *medicine bundle*, *many-faces-man* que se articulam junto com outros conceitos não abordados e que constituem um mundo distinto e independente epistemologicamente do mundo Ocidental.

O reconhecimento do ponto de vista indígena sobre as coisas do mundo perpassa também questões éticas. Pois reconhecê-la é assumir que houve genocídios articulados na intenção de dar lugar na terra indígena a um sistema que causa extinção de animais, poluição do ar e da água, entre outros desequilíbrios a que estamos expostos diariamente e que a lógica do mundo indígena combate na essência de seu pensamento. Não é mais possível sustentar os valores ocidentais pretensiosamente impostos às culturas tribais como superiores, pois se por um lado o pensamento Ocidental deu origem à ciência tal como a conhecemos e suas tecnologias, por outro o mundo indígena mantém seu equilíbrio com a terra em sua sede de continuidade. Por fim, em tempos de constante debate sobre sustentabilidade, no qual é latente a desarmonia entre o que tiramos do planeta e o que retornamos a ele, o entendimento das culturas indígenas, ou mais delimitadamente do jeito pikuni de ser, e de suas formas de conhecimento fundamentadas em sua relação com a terra, pode ser de grande auxílio na busca de uma sociedade mais justa e menos nociva ao planeta, pois, apesar da luta indígena por desligamento da lógica Ocidental, ainda compartilhamos o mesmo mundo.

REFERÊNCIAS

ABRAM, David. "A More-Than-Human World." In: WESTON, Anthony (ed.). *An Invitation to Environmental Philosophy*. New York, NY: Oxford University Press, 1999. p. 17-42.

ARCHIBALD, Jo-ann (Q'umQ'umXiiem). *Indigenous Storywork: Educating the Heart, Mind, Body, and Spirit*. Vancouver: University of British Columbia Press, 2008.

ARMSTRONG, Jeannette C. Land Speaking. In: ORTIZ, Simon J. (Ed.). *Speaking for the Generations: Native Writers on Writing*. Tucson: University of Arizona Press, 1998. p. 174–194.

KING, Thomas. "Godzilla vs. Post-Colonial." *World Literature Written in English*, 30.2 (1990) 10-16. Online. Internet. Disponível em: <http://pennersf.files.wordpress.com/2010/10/godzilla-complete.pdf> Acessado em: 11 de Julho de 2013.

KING, Thomas. *The Truth about Stories*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2003.

MIGNOLO, Walter D. Delinking: the Rhetoric of Modernity, the Logic of Coloniality and the Grammar of De-coloniality. *Cultural Studies*, v. 21, n. 2/3, p. 449–514, Mar./Maio 2007.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como Invenção do Ocidente*. Tradução: Rosaura Eichenberg. São Paulo: Schwarcz, 2007.

TEUTON, Sean Kicummah. *Red Land, Red Power: Grounding Knowledge in the American Indian Novel*. Durham: Duke University Press, 2008.

TREUER, David. *Native American Fiction*. Saint Paul: Graywolf Press, 2006. p. 77–107.

WELCH, James. *Fools Crow*. New York: Penguin Books, 1986.